

PERIÓDICOS E O ENSINO DE LITERATURA

Raquel S. Madanêlo Souza
raqmadanelo@bol.com.br

Não é fácil definir o que é literatura. Desde meus primeiros anos na carreira docente, quando iniciei o ensino desta disciplina em uma escola Estadual, logo após o fim da graduação, eu me deparei com essa realidade complexa. Afinal, como ensinar alguma coisa sem conseguir conceituá-la apropriadamente? Como problematizar a especificidade do texto literário para aquela turma de estudantes que teria essa matéria inserida pela primeira vez em seu curriculum escolar? Diante destas dúvidas, a saída que me ocorreu, como resposta decorrente de minha inexperiência de iniciante, foi colocar artigos informativos – retirados de notícias de jornal – em confronto com poemas produzidos por escritores como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, a fim de refletir sobre as diferenças entre textos de naturezas diversas.

Aquela questão, que surgira de maneira mais objetiva em função da prática primeira do ensino dessa matéria, foi e continua a ser uma pergunta complexa a que se podem aplicar respostas diversas¹:

¹ “Os estudos literários falam da literatura das mais diferentes maneiras”. COMPAGNON, 2012, p.29. Vale ressaltar ainda o estudo de Vítor Manuel de Aguiar e Silva que apresenta, em seu livro *Teoria da Literatura*, a “evolução semântica do lexema *literatura* até o limiar do romantismo”. SILVA, 1988, p.7.

O nome literatura é, certamente, novo (data do início do século XIX; anteriormente, a literatura, conforme a etimologia, eram as inscrições, a escrita, a erudição, ou o conhecimento das letras; ainda se diz ‘é literatura’), mas isso não resolveu o enigma, como prova a existência de numerosos textos intitulados *Qu’Est-ce que l’Art?* [O que É a Arte?] (Tolstoi, 1898). *“Qu’Est-ce que la Poésie?”* [O que é a poesia?] (Jakobson, 1933-1934) , *Qu’Est-ce que la Littérature?* [O que é a Literatura?] Charles du Bos, 1938; Jean-Paul Sartre, 1947). (COMPAGNON, 2012, p.30.)

Mas passado aquele primeiro momento, e obviamente não esgotadas as dúvidas sobre o tema, já surgia um novo problema: qual seria o melhor conteúdo para o curso de Literatura Brasileira daquele ano? A solução encontrada, menos refletida e menos interessante, foi recorrer à história da literatura, na tentativa de mostrar aos estudantes alguns textos do Barroco, do Arcadismo, do Romantismo e assim por diante. Concluí daquela primeira experiência aquilo que Paulo Franchetti constata em estudo sobre a História da Literatura: Do ponto de vista dos conteúdos, história literária na escola brasileira (tanto na superior, quanto na média) é basicamente estudo de “estilos de época” e/ou de história social, segundo as grandes sínteses históricas dos anos de 1950 a 1970 (FRANCHETTI, 2002)

Portanto, a decisão pela história literária e pelos “estilos de época” pautou minha estratégia docente em sua gênese, e parece ainda pautar boa parte do ensino de literatura no país. No entanto, inúmeros críticos e estudiosos têm sido categóricos em apontar, nas últimas décadas, a crise no ensino da História da Literatura².

Como afirma Leyla Perrone-Moisés, tal crise teria se iniciado com a própria origem dessa disciplina:

A crise da história literária, na verdade, data das origens da disciplina. Tendo se firmado, como disciplina acadêmica, no período áureo da história geral, a história literária tentou, de início, seguir os princípios daquela e logo enfrentou os problemas decorrentes das diferenças de seu objeto. O princípio de causalidade, a busca da objetividade, a noção de progresso e outras tantas preocupações da historiografia positivista mostravam-se inadequadas para os fatos estéticos (PERRONE-MOISÉS, 2009, p. 21.)

² Antoine Compagnon, em *O Demônio da Teoria*, distingue a História da Literatura, definida como um quadro, panorâmico, da Literatura – da História literária que, segundo ele “designa, desde o final do século XIX, uma disciplina erudita, ou um método da pesquisa *Wissenschaft*, em alemão, *Scholarship*, em inglês: é a filologia aplicada à literatura moderna”. COMPAGNON, 2012, p.198. Já Leyla Perrone-Moisés parece considerar História da Literatura e História Literária como sinônimos em seu livro *Altas Literaturas*.

Assim como Leyla Perrone, também Franchetti pontua um evidente desgate no ensino de historiografia literária, diagnóstico que já havia sido realizado anteriormente por David Perkins em seu livro *Is literary history possible?*, de 1992, como aponta Douwe Fokkema³ em “Why literary historiography?”. E, antes de todos estes, na década de 70, por René Welleck que havia efetuado um balanço da historiografia literária em “The fall of literary history”⁴.

Para Fokkema, haveria três razões para a queda de confiança na possibilidade de elaboração de uma história da literatura: a concepção de singularidade do texto e do gênio do autor e a consequente “impossibilidade” de historicizar esses dados, proclamada pelo filósofo Wilhelm Dilthey, no século XIX; a falta de um “telos” comum, ou seja, com a “morte e Deus” proclamada por Nietzsche, qualquer paradigma ou regra perdeu seu sentido e tornou-se passível de relativização em uma cultura secularizada; e, por fim, ligada a essa segunda razão, adiciona-se a terceira, que seria o fim das “metanarrativas”, como proclamado por Lyotard⁵. Já do ponto de vista estético, Leyla Perrone, ao discutir sobre o advento dos escritores-críticos na modernidade, aponta também para o fato de que, a partir do romantismo, e em função do fim das “Academias”, “autoridades” ou “consenso”:

Diluíram-se ou perderam-se, pouco a pouco, os códigos que orientavam a produção literária: código moral (o Bem), código estético (o Belo), código de gêneros (determinado pela expectativa social), de estilo (orientado pelo gosto), código canônico (a tradição concebida como conjunto de modelos a imitar). (MOISÉS, 2009, p. 11).

Neste sentido, ao que me parece, a própria mudança de paradigmas indicada no trecho destacado demonstra que não só a literatura, como também a crítica, passaram a se orientar por princípios de individualidade e singularidade bem característicos da modernidade⁶, o que resultou numa ampliação do sentido de relativização de toda e qualquer regra – ou da tentativa de elaboração de regras – que buscasse reger, avaliar ou orientar a elaboração de uma obra de arte ou qualquer teorização sobre essa mesma obra.

³ “Perkins explicitly responds to what he calls ‘a genuine crisis in literary historiography’”. FOKKEMA, 1996, p.37.

⁴ Cf. MOISÉS, 2009, p.19.

⁵ Cf. FOKKEMA, 1996, p.40.

⁶ Sobre a Modernidade ver: CALINESCU(1987); PAZ (1976); COMPAGNON (1996).

Mas cabe aqui perguntar se, de fato, o ensino da História da Literatura é uma matéria acabada, anacrônica e completamente desnecessária na contemporaneidade. Penso que o ensino dessa matéria, assim como da história da arte, fornece paradigmas importantes – mesmo que dignos de problematizações diversas – para a reflexão sobre as mudanças (divergências), e mesmo as convergências a que o texto literário é submetido ao longo da história. Ou seja, o estudo dessa matéria permite ao pesquisador a percepção de um quadro geral das alterações ou constâncias na forma, no conteúdo e no sentido expressos por uma obra de arte. Ao professor caberia, porém, a clareza de perceber e demonstrar para seus alunos que para cada texto literário, tomado em sua individualidade, haverá características específicas que poderão ou não convergir para a análise proposta na Historiografia. Como aponta Fokkema: “Indeed, without a theory or theories which help to distinguish facts and to tell us why they are significant, it is very difficult to reach clarity in our historical research or in the scholarly debate” (FOKKEMA, 1996, p. 41.)

O texto e o contexto: as revistas e o ensino de literatura

Trabalhando com revistas literárias desde a Iniciação Científica, o contato com este material foi despertando em mim o interesse pelas fontes primárias e pelas inúmeras e enormes potencialidades desses objetos de estudo. Adotando a definição dada por Clara Rocha, uma revista pode ser entendida como:

publicação periódica que, como o nome sugere, passa em revista diversos assuntos (por vezes arrumados em rubricas fixas), o que, à partida, permite um tipo de leitura fragmentada, não contínua, e por vezes seletiva (o leitor só lê as seções que lhe interessam). Por outro lado, é um tipo de publicação que, depois de re-vista, se abandona, amarelece esquecida, ou se deita fora (ROCHA, 1985, p.24.)

Sendo por definição um objeto de pesquisa que permite abordagens diversas⁷, dependendo de seu projeto editorial e dos interesses dos pesquisadores, e um “domínio que privilegia o trabalho interdisciplinar” (SILVA, 2001, p. 28.), temos aí uma fonte de pesquisa que contribui para a preservação da memória cultural, ao permitir a

⁷ “Fonte preferencial para pesquisas de teor vário, a revista é gênero de impresso valorizado, sobretudo por ‘documentar’ o passado através de registro múltiplo: do textual ao iconográfico, do extratextual – reclame ou propaganda – à segmentação do perfil de seus proprietários àquele de seus consumidores”. MARTINS, 2001, p.21.

“recuperação de “produtores e agentes culturais”, ou seja, ao conduzir para uma reflexão sobre a participação de intelectuais, jornalistas, produtores culturais e escritores dentro do sistema em que se insere a publicação, como aponta Maria Zilda Cury; além de, no caso das publicações de caráter literário, encontrarmos nos periódicos um espaço bastante fecundo para o “estudo do sistema literário de uma região e/ou época estudada”, como aponta Arthur Emílio Alarcon em seu texto intitulado “A importância de divulgação de fontes primárias na internet”.

Sobre o estudo desses objetos, João Paulo Ascenso da Silva afirma que:

(...) tanto no campo da História como no dos Estudos literários, os investigadores buscam fundamentalmente nos periódicos testemunhos de uma época determinada. Com grande frequência, jornais e revistas continuam a ser utilizados como meras fontes documentais, primárias ou secundárias, para obtenção de dados que corroborem determinados pontos de vista. Mais recentemente ainda, transformaram-se na peça fundamental de numerosos estudos de recepção literária e cultural. Todavia, a Imprensa Periódica continua a ser encarada como ‘o meio’ que permite alcançar determinados objetivos, mas quase nunca é tomada como fim, em si mesma. (SILVA, 2001, p.26.) Ascenso da Silva aponta, em seu livro, para a inexistência de estudos sistemáticos da imprensa, e das chamadas revistas literárias, que exerceriam o importante papel de “divulgação e vulgarização de modelos culturais e estéticos” (SILVA, 2001, p.27.), como ele acusa em sua análise do periódico português *The Lusitanian* (1844-1845).

Como se observa pelo excerto acima, o que é tradicionalmente observado pelos pesquisadores nos estudos sobre periódicos e fontes primárias é o caráter documental e memorialístico atribuídos a esses objetos. No entanto, como apontam Maria Zilda Cury e Edson Nascimento Campos, seria necessária uma mudança de perspectiva que realocasse as fontes primárias – deslocando-as da posição de “ponto primeiro” e imperfeito⁸, diante do texto final produzido-, ao lugar de “ponto relacional”. Sobre isso, os estudiosos explicam:

Nas linhas de um outro enfoque, sob a direção do sentido de ponto em relação, as fontes primárias teriam o poder não só de propiciar explicações, como o de recebê-las.(...)

⁸ “Ainda tomadas como *ponto primeiro*, podem as fontes primárias ser consideradas irrelevantes, como constituintes de uma face imperfeita do texto final”. CAMPOS e CURY, 1997, p.305.

Ponto em relação sugere movimento na medida em que possibilita a abertura explicativa de um texto final, ou objeto, e a abertura que explicaria a própria fonte tornada texto. Nesse caso, as fontes e os objetos no regime da investigação e da pesquisa, manteriam uma relação de interdependência: elas fariam circular explicações que emanariam de si, deslocando os significados dos objetos, e explicações que emanariam dos objetos, alterando ou mantendo os significados que as fontes apresentam (CAMPOS e CURY, 1997, p. 307.).

Ou seja, mais que uma simples mudança de paradigma a partir dessa nova proposta conceitual, o que se propõe é a percepção de que o trabalho com a fonte primária é capaz de alterar a concepção e a leitura de determinados objetos já consagrados pela crítica. E, além disso, é preciso ter em mente que o contexto/ lugar de produção de um determinado objeto pode ter, também, enorme influência sobre a própria constituição desse mesmo objeto e sua divulgação, em seu tempo. Sobre isso, basta constatar o papel de disseminação das vanguardas, exercido e possibilitado pelas revistas literárias⁹, nas primeiras décadas do século XX.

Neste sentido, o próprio objeto, ou seja, a revista em si, transforma-se num espaço privilegiado para compreender os fenômenos literários que fazem parte de um determinado tempo e de um determinado contexto. Tomada em sua materialidade, vista em si mesma como objeto privilegiado para o desenvolvimento de pesquisas sobre a literatura e a crítica literárias, temos nos periódicos um espaço de amplas possibilidades, que viabilizam a realização de pesquisas em diferentes campos do saber. Ou seja, ao buscar uma revista literária produzida em uma determinada região e ao propor conduzir um estudo a fim de conhecer a produção de uma determinada época e contexto, o estudante/ pesquisador tem diante de si um objeto de estudos que pode ser trabalhado a partir de diversos aspectos: pode-se propor a análise dos textos literários; da crítica inserida no periódico; da publicidade; das obras de arte reproduzidas e dos debates presentes naquela fonte primária. Há que se destacar, também, o caráter lúdico derivado deste trabalho. À medida em que as conquistas “científico-tecnológicas” foram se ampliando, ao longo dos séculos XIX e XX, as publicações desse gênero foram ganhando formas e cores cada vez mais expressivas.

⁹ Para citar apenas um exemplo do papel dos periódicos na divulgação das vanguardas, cito Sergio Miceli no livro *Vanguardas em retrocesso*: “Em jargão sociológico, os integrantes da vanguarda argentina operavam, de modo concomitante, num mercado comercial de impressos, endereçados a um público de massa recém-escolarizado, e num campo de produção restrita, voltada para os pares, divulgada em periódicos literários subsidiados e em livros de pequena tiragem com selo de editores ousados.” MICELI, 2012, p.26.

Além disso, o que as revistas literárias trazem em suas páginas são as produções literárias de uma época. O estudo desses objetos permite que o leitor tenha uma ideia do que era produzido e lido num determinado momento, antes que esse conhecimento fosse avaliado e recortado pela crítica posterior. Neste sentido, o trabalho com as revistas pode permitir, inclusive, uma revisão da leitura proposta em algumas historiografias, ou até mesmo a elaboração de uma nova historiografia que parta dessas produções que permanecem, muitas vezes, esquecidas nas prateleiras das Bibliotecas.

À guisa de conclusão:

Em tempos como os de hoje, em que a literatura ocupa um espaço restrito¹⁰ e cada vez menos importante no reduzido tempo livre dos cidadãos, a reflexão sobre a história da literatura e sobre as fontes primárias, aqui tomadas apenas sob o ponto de vista dos periódicos, pode parecer quase anacrônica. No entanto, o que este estudo pretende é problematizar o ensino da literatura a partir de um espectro mais amplo, incluindo a pesquisa em revistas como espaço de uma possível renovação no ensino e na relação do estudante e pesquisador com o texto literário. Partindo de minha experiência pessoal na licenciatura, dos meus primeiros anos de docência, busquei mostrar que na realidade o preparo que adquirimos na graduação, antes do ingresso em uma escola, muitas vezes nos conduz ao trabalho com a tão criticada história da literatura. Em verdade, o que fiz foi levar em consideração a chamada crise dessa historiografia, sem porém descartar completamente esse objeto. Ao trazer para a discussão a experiência de pesquisadora, que trabalha com fontes primárias desde os primeiros anos da graduação, o que percebi foi que do estudo de uma revista literária emanavam inúmeras possibilidades de pesquisa e de ampliação do conhecimento. De lá, tive que recorrer a outras áreas e a outras perspectivas críticas derivadas da história, da sociologia, da filosofia, da comunicação. Mas recorri a esses conhecimentos, a fim de retornar ao meu objeto – a revista – e posicioná-la entre as outras publicações de uma determinada época, buscando enfatizar as relações entre escritores e intelectuais que circulavam em suas “redes de sociabilidade”.

¹⁰ “(...) como formar novos leitores e novos escritores sem o conhecimento da literatura do passado? Nos cursos de Comunicação e Expressão do secundário, os textos literários têm o mesmo status que qualquer tipo de texto. A orientação do Ministério da Educação não é causa do declínio do ensino de Literatura, é sintoma, porque são as equipes que fazem os pareceres e elaboram os currículos que tomam determinados rumos. Aliás, o desprestígio progressivo do ensino da alta literatura, ou da literatura difícil, representada pelos textos canônicos ocidentais, é um fato histórico universal”. MOISES, 2005. p.

Como afirmam Maria Zilda e Edson Nascimento Canpos:

O saber não pode ser mais encarado como depósito enciclopédico na medida em que ele não ocupa um ponto fixo, que seja fonte emanadora do conhecimento. Nem pode o educador ser visto como aquele que detém o saber, mas, antes, aquele que fará circular os saberes (Barthes, s.d.), aí incluindo o seu próprio. (CAMPOS;CURY, 1997, p.303.)

É neste sentido de circulação do saber, como resultado de pesquisa e reflexão, que se pretendeu problematizar as questões abordadas neste trabalho, tendo sempre em mente que o fim último de um trabalho como esse é, na realidade, despertar no estudante o interesse pela literatura que, como afirma Vargas Llosa, “além de ser uma das ocupações mais estimulantes e fecundas da alma humana” é “(...) uma atividade insubstituível para a formação do cidadão numa sociedade moderna e democrática, de indivíduos livres, e que, por isso, deveria ser inculcada nas famílias desde a infância e deveria fazer parte de todos os programas de educação como uma das disciplinas básicas” (LLOSA, 2009, p. 22.).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALINESCU, Matei. *Five faces of modernity*. Durham: Duke University Press, 1987.
- CAMPOS, Edson Nascimento ;CURY, Maria Zilda F. “Fontes primárias: saberes em movimento”. *Revista da Faculdade de Educação (USP)*, São Paulo, v. 23, n.12, p. 303-313, 1997.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.
- FOKKEMA, Douwe. “Why literary historiography?”. <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12924967616718273876213/018654.pdf>
- FRANCHETTI, Paulo. “História literária: um gênero em crise”. *Semear (PUCRJ)*, v. 1, n.7, p. 247-264, 2002.
- LLOSA, Mario Vargas. “É possível pensar o mundo moderno sem o romance?”. In.: MORETTI, Franco. *A cultura do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- MICELI, Sergio. *Vanguardas em retrocesso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MOISÉS, Leyla Perrone. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MOISÉS, Leyla Perrone. “Por amor à arte”. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n.55, p. 335-348, 2005.

PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ROCHA, Clara. *Revistas literárias do século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985.

SILVA, João Paulo Ascenso da. *Temas, mitos e imagens de Portugal numa revista inglesa do Porto: The Lusitanian (1844-1845)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

SILVA, Victor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, 1988.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.